

Rússia acusa Ucrânia de atacar residência de Vladimir Putin

Chanceler diz que 91 drones tentaram atingir um dos refúgios do presidente russo

Daniel Torok/ Casa Branca

A Rússia acusou nesta segunda-feira (29) a Ucrânia de ter atacado uma das residências oficiais do Vladimir Putin com 91 drones. A ação ocorreu, segundo o Kremlin, logo após o encontro entre Volodimir Zelenski e Donald Trump na véspera para discutir um acordo para pôr fim à invasão russa do vizinho.

O presidente ucraniano negou a autoria do ataque direto, como já ocorreu em ocasião anterior em 2022, e disse que os russos usarão o incidente para “atacar edifícios do governo em Kiev”. Segundo observadores militares, bombardeiros Tu-22 já estão sendo armados com mísseis de cruzeiro para tal fim.

Segundo o chanceler Serguei Lavrov disse à mídia russa, os aparelhos foram abatidos na região de Novgorod, próxima a São Petersburgo, a cerca de 600 km da fronteira ucraniana. Não houve danos, disse o diplomata.

Lavrov prometeu uma “dura retaliação” e disse que a ação irá provocar uma mudança na posição da Rússia nas negociações comandadas pelo presidente americano, que por ora não ultrapassaram as inflexibilidades de lado a lado.

Putin ligou para Trump e fez o mesmo relato. Segundo seu assessor Iuri Uchakov, o americano ficou “chocado” com a ação, mas



Ucrânia negou autoria do ataque a um dos refúgios prediletos de Putin, que não estava no local

a Casa Branca apenas confirmou o telefonema.

“Vamos continuar negociando”, disse Lavrov, antecipando as críticas que receberá e a acusação de Kiev de que o ataque foi de “falsa bandeira”, ou seja, uma fabricação para culpar o adversário. Zelenski disse que o incidente foi “fabricado para a Rússia evitar tomar os passos necessários para encerrar a guerra”.

A residência atacada segundo os russos é um antigo complexo

com três datchas, as famosas casas de campo que quase toda família russas mais abastadas têm. Ele é conhecido pelo apelido de Dolgie Borodi (barbas longas, em russo) ou por Valdai, nome do lago em que fica às margens.

É uma das regiões favoritas de Putin, natural de São Petersburgo, com vegetação bastante densa. O complexo é usado principalmente como casa de férias de verão e tem espaço para 320

hóspedes. O paradeiro exato do presidente, costuma se disfarçar salvo em agendas oficiais.

Ele passa boa parte do tempo nos arredores da capital, em sua residência principal, mas tem diversos palácios à sua disposição pelo país. Segundo imagens do Kremlin, o presidente estava em Moscou, comandando uma reunião com seus generais principais, que lhe pintaram um quadro positivo acerca dos ganhos da

guerra neste ano.

Não foi a primeira ação direta contra um imóvel associado a Putin na guerra. Em 2022, os ucranianos causaram furor com um dos primeiros ataques a drone a Moscou, quando dois aparelhos explodiram sobre o Kremlin na noite de 3 de maio.

Não houve vítimas e o presidente não estava presente, mas o governo russo chamou o caso de terrorismo. Kiev nunca assumiu a autoria, amplamente creditada a seus ativos serviços de segurança, inclusive pelos aliados americanos.

Apesar de toda a brutalidade do conflito, até aqui os russos não tentaram matar Zelenski com um ataque devastador. Isso foi sugerido pelo próprio Putin no ano passado, quando apresentou com uma demonstração dramática seu novo míssil balístico com múltiplas ogivas, testado sobre Dnipro.

Na mão contrária, além dos incidentes contra as residências, houve um grande ataque com drones ucranianos contra a região por onde Putin viajava neste ano. Além disso, ações contra Moscou são constantes, mas as defesas aéreas da região em torno da capital por ora deram conta do recado.

O novo incidente, seja qual for sua natureza, tende a impactar a já difíceis negociações.

Igor Gielow (Folhapress)

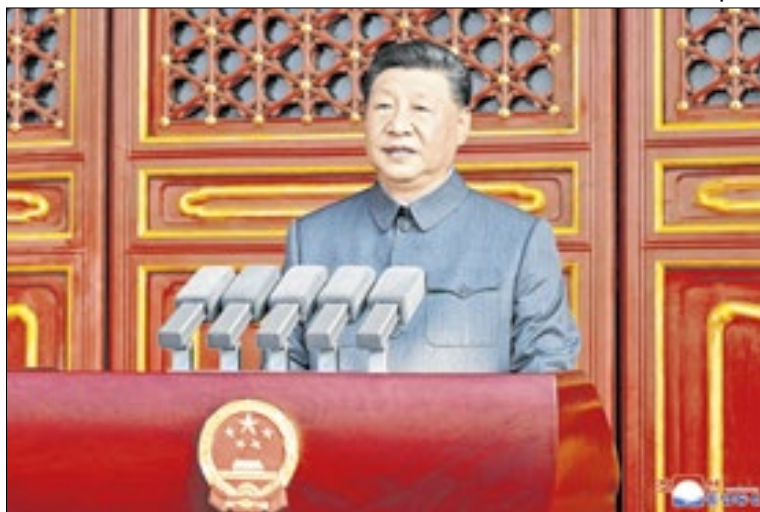
China cerca Taiwan em exercício militar com mísseis

Reuters/Folhapress

O Exército de Libertação Popular da China (PLA, na sigla em inglês), como são chamadas as Forças Armadas do país, iniciou na segunda (29) um exercício militar de grande escala ao redor de Taiwan, como alerta às chamadas forças separatistas da ilha e em resposta ao apoio dos Estados Unidos.

Os exercícios, que ocorreram em cinco áreas ao redor da ilha e levam o codinome “Missão Justiça 2025”, são descritos como um “alerta severo” de Pequim aos favoráveis à independência de Taiwan e à interferência externa, além de uma ação legítima e necessária para salvaguardar a soberania e a unidade nacional da China, segundo o porta-voz do Ministério da Defesa, Shi Yi.

Ao contrário de ações mais recentes, que envolviam principalmente rondas ostensivas das forças chinesas ao redor da ilha, os exercícios desta segunda incluíram simulações de ataques a alvos marítimos e terrestres, com disparos de armas militares, além do uso de mísseis e foguetes de longo alcance.



Exercícios militares chineses despertam tensão no continente

Pelo ar, o Exército empregou caças, drones, aviões-radar, aeronaves de guerra eletrônica e bombardeiros. Pelo mar, foram utilizados destróieres e fragatas. As ações devem continuar na terça (30) e incluir formas de bloqueio dos principais portos da ilha.

O objetivo principal, segundo a mídia estatal do Exército, China Military, é testar a capacidade das tropas de realizar ataques de precisão contra alvos-chave, além de ve-

rificar a coordenação entre forças aéreas e navais.

A ação também parece ter a intenção de demonstrar a capacidade da China continental de cercar Taiwan em uma eventual incursão militar voltada à reunificação, em um momento em que Pequim tem elevado o tom de suas reivindicações sobre a ilha.

O regime chinês sustenta que Taiwan, que possui um presidente democraticamente eleito, é parte in-

contestável de seu território e trata o tema como uma questão doméstica.

A ofensiva ocorre dias após o governo dos EUA aprovar a venda de peças para caças e outras aeronaves destinadas a Taiwan, no valor total de US\$ 330 milhões (R\$ 1,74 bilhão), configurando a primeira transação do tipo desde que o presidente Donald Trump voltou à Casa Branca, em janeiro.

Na semana passada, como resposta a Washington, a China impôs sanções a 20 empresas dos EUA, incluindo uma subsidiária da Boeing.

Os EUA mantêm laços diplomáticos formais com Pequim, mas também relações não oficiais com Taiwan, sendo o principal fornecedor de armas da ilha.

O principal jornal do país, o veículo estatal China Daily, afirmou em editorial publicado nesta segunda-feira que os exercícios se tratavam de uma resposta à venda de armas, “com características claramente ofensivas”, à ilha.

“Tal comportamento não é apenas uma grave violação do princípio de Uma Só China e dos

três comunicados conjuntos China-EUA, mas também uma flagrante interferência nos assuntos internos da China e um desafio aberto à soberania e à integridade territorial da China”, diz o texto.

O Ministério da Defesa de Taipé condenou as ações de Pequim, classificando-as como “exercício irracional”, e declarou que a pasta se preparou imediatamente para o combate, segundo a agência estatal CNA.

A resposta de Taiwan se apoia em um documento emitido por Taipé que afirma que as Forças Armadas do país têm capacidade de responder rapidamente e de forma descentralizada a um eventual ataque chinês, atuando em nível elevado de alerta mesmo em casos em que Pequim anuncia apenas exercícios militares conjuntos.

Uma das principais preocupações do governo da ilha é que a China converta exercícios militares como os desta manhã em operações de guerra.

Por Victoria Damasceno (Folhapress)